

20
25

Propedêutico

Voz da Missão

Experiência missionária dos seminaristas
propedeutas em Manaus

Vinte Anos de Missão

A Ação Missionária entre a Arquidiocese de Ribeirão Preto e Manaus inicia as comemorações dos vinte anos de atividade missionária. É uma longa temporada de história, levando padres e seminaristas a regiões de Manaus para pregar o Evangelho. (página 08)

Acolhidos pelo Amor

O acolhimento do povo de Manaus e do Careiro da Várzea nos moveram durante a Missão, ressaltando, neste texto, o sentimento de gratidão que sentimos e levaremos em nossos corações. (página 19)

A Luta pelos nossos direitos

A resistência dos povos Indígenas e o Catolicismo

Na entrevista de Ináira à Voz da Missão, ela compartilha sentimentos e experiências vividas na aldeia do Branquinho, além de revelar os sonhos de seu povo e o desejo de valorização das raízes indígenas. (página 32)

Marcas da Resistência

Sobre os indígenas da aldeia do Branquinho foi observado o quão resistentes eles foram, ao longo dos anos, e surpresos pelas histórias de superação, criamos um olhar recente para esse povo. (página 16)

A Fé que move

Nas experiências de visitas aos enfermos, o sentimento de amor e esperança que os seminaristas sentiram revigoram a alma. Esse texto mostra que o amor revelado transformou a missão. (página 14)

Mensagens

Pe. Marcus Vinícius

Reitor do seminário prop.

Experiência Missionária do Propedêutico 2025, na nossa Ação Missionária Ribeirão Preto – Manaus, que se prepara para comemorar vinte anos

A experiência missionária anual dos seminaristas e do reitor do Seminário Propedêutico Bom Pastor, da Arquidiocese de Ribeirão Preto, foi realizada com êxito entre os dias 2 de setembro e 1 de outubro de 2025, no contexto da Ação Missionária na Amazônia.

O período proporcionou ao grupo uma profunda imersão na vida pastoral e social das comunidades atendidas pelos missionários de nossa Arquidiocese em Manaus e no Careiro da Várzea, no Amazonas.

1. Manaus: Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos

A missão iniciou-se e concluiu-se na capital amazonense, na Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, com o Padre Rodrigo Barcelos, missionário de nossa Arquidiocese, nos períodos de 2 a 12 e de 28 a 30 de setembro.



Acolhimento e Atividades Pastorais:

1. Manaus: Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos

- **Acolhimento Acolhimento Familiar:** Os seminaristas foram generosamente acolhidos por famílias da comunidade, hospedando-se em suas casas e partilhando a vida cotidiana.
- **Celebração e Oração:** Participação ativa nas Celebrações Eucarísticas na Igreja Matriz e nos núcleos de Conceição e Santa Paula. Tivemos a oportunidade de rezar as Vésperas com a comunidade paroquial e de participar do Terço no núcleo Monticone.
- **Ação Pastoral e Formação:**
 - Foram dedicadas quatro manhãs à visitação de enfermos e suas famílias, levando a Palavra de Deus e o conforto da fé.
 - Houve momentos de formação com os coroinhas, com a equipe de Liturgia e com os grupos de jovens.
 - Os seminaristas deram valiosos testemunhos vocacionais.
- **Visitas institucionais:** Visitamos os Seminários Propedêutico e Maior da Arquidiocese de Manaus, bem como a Rádio Rio Mar, que integra os meios de comunicação desta Arquidiocese, aprofundando o conhecimento sobre a realidade eclesial local.

2. Missão Indigenista na Aldeia do Branquinho

Um marco da experiência foi o dia 7 de setembro, quando estivemos com o padre Rodrigo de Paula, também missionário de Ribeirão Preto em Manaus e Coordenador da Pastoral Indigenista.

- Na Aldeia do Branquinho, celebramos a Eucaristia.
- O encontro permitiu uma rica convivência e um contato direto com a realidade dos povos indígenas da região.

3. Careiro da Várzea: Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

A etapa, no município de Careiro da Várzea, ocorreu entre os dias 13 e 27 de setembro, sob a orientação do Padre Aparecido Donizeti Maciel, missionário de nossa Arquidiocese na região.

Atividades na Sede Paroquial:

- **Celebrações:** Participamos da Celebração Eucarística na Igreja Matriz, integrando-nos, inclusive, à Festa da Padroeira, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

- **Ação Pastoral:** Visitamos uma escola local, dedicamos um momento especial à convivência com os jovens e realizamos visitas aos enfermos na cidade.

Imersão nas Áreas Missionárias:

O coração dessa etapa foi a itinerância pelas comunidades, permitindo a experiência profunda da Igreja ribeirinha.

Imersão nas Áreas Missionárias:

O coração dessa etapa foi a itinerância pelas comunidades, permitindo a experiência profunda da Igreja ribeirinha.

- Visitamos cinco das quinze áreas missionárias da paróquia, dedicando três dias de permanência em cada uma: Cumã, Miriti, Curari, Matriz e Parauá.

- **Ministério e Proximidade:** Nessas comunidades, celebramos a Eucaristia, realizamos encontros com os jovens e visitamos inúmeras casas, levando a bênção de Deus às famílias e aos enfermos.

- **Fraternidade:** A permanência deu-se nas casas de comunitários, que, em um gesto de profunda acolhida e fé, abriram suas portas, oferecendo um testemunho de hospitalidade cristã.

Conclusão e Agradecimento

Foram dias verdadeiramente abençoados, repletos de profunda convivência e comunhão com o povo de Deus na Amazônia. Manifestamos nossa sincera gratidão aos padres missionários (padres Rodrigo Barcelos, Rodrigo de Paula e Aparecido Maciel) e a todos os leigos e famílias que nos acolheram com tanto carinho.

De volta ao nosso Seminário Bom Pastor, em Brodowski, trouxemos um pouco da riqueza de vossas vidas e deixamos, em contrapartida, um pouco de nosso coração na missão. Até breve. Que Deus abençoe copiosamente a todos!

Ribeirão Preto e Manaus iniciam as comemorações dos vinte anos da ação Missionária

A Ação Missionária entre as Arquidioceses de Ribeirão Preto (SP) e Manaus (AM) inicia as comemorações de seus vinte anos, celebrando duas décadas de partilha, fé e evangelização em solo amazônico. O projeto nasceu em 2006, fruto do ardor missionário da Igreja, com o propósito de fortalecer o anúncio do Evangelho na Amazônia e, ao mesmo tempo, enriquecer a vivência pastoral dos missionários paulistas.

A preparação desse plano começou no fim de 2005, quando Dom Arnaldo Ribeiro, então Arcebispo Metropolitano de Ribeirão Preto, enviou os padres Marcos Cândido e Nivaldo Aparecido Gil a Manaus para, junto dos bispos locais, discernirem as paróquias que seriam assumidas pela Arquidiocese de Ribeirão Preto. Poucos meses depois, em 2 de março de 2006, Dom Arnaldo, acompanhado do reitor do Seminário Maria Imaculada, padre Elviro Pinheiro da Silva Júnior, retornou a Manaus para oficializar o início do projeto, acompanhando os primeiros missionários: os padres Acácio Ferreira Rocha e Nivaldo Aparecido Gil. Eles foram destinados às paróquias Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Careiro da Várzea, e Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, no bairro Betânia, em Manaus.



Desde então, dezenas de seminaristas, sacerdotes e leigos de Ribeirão Preto foram enviados a Manaus, em missão, vivendo experiências transformadoras de convivência com a cultura local e a espiritualidade amazônica. Essa troca, além de enriquecer a formação missionária, fortaleceu os laços de amizade e cooperação entre as duas Igrejas particulares.

Ao celebrar os vinte anos desta caminhada, a Ação Missionária Ribeirão Preto–Manaus recorda com gratidão a memória dos que partiram em missão, valoriza o testemunho de todos os que se doaram por esse ideal e renova a esperança de novos frutos. Mais do que um projeto, a missão se tornou um verdadeiro elo de comunhão, testemunhando que a Igreja é, por essência, missionária: chamada a unir diferentes realidades em um só propósito: anunciar Cristo e servir ao povo de Deus.

Lucas





De Brodowski a Manaus

Padre Marcus Vinícius e os seminaristas, em frente ao Aeroporto Internacional de Viracopos, de onde decolaram, e a chegada a Manaus, ao Aeroporto Internacional de Manaus Eduardo Gomes

Os seminaristas propedeutas, acompanhados pelo reitor padre Marcus Vinícius, saíram do Seminário, em Brodowski, na madrugada do dia dois de Setembro com destino ao Aeroporto Internacional de Viracopos, localizado no Município de Campinas. Ao chegarem, realizaram o *check-in*, aproximadamente às 7h15, e embarcaram no avião às 9h30, decolando trinta minutos depois.



A viagem, que tinha a previsão de três horas e quarenta minutos, foi tranquila e mais rápida do que o esperado, chegando a Manaus às 11h20 do horário local.

No Aeroporto Internacional de Manaus Eduardo Gomes, os missionários foram recebidos pelo padre Rodrigo Barcelos, pároco da Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos; padre Rodrigo José de Paula, coordenador da Pastoral Indigenista de Manaus e Jeferson Macedo, paroquiano da Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos. Depois se dirigiram à casa paroquial e foram acolhidos com um delicioso e típico almoço da região, composto de peixes, frutos, sucos e farofas.

Daniel

Abertura da Missão Ribeirão Preto-Manaus

A nossa missão em Manaus/AM deu-se com a abertura da Santa Missa celebrada pelo Padre Rodrigo Barcelos, pároco da Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos e concelebrada pelo reitor do seminário propedêutico, padre Marcus Vinícius de Miranda.

Ela foi realizada na Matriz, no dia 2 de Setembro de 2025, às 19h, e toda a comunidade esteve presente para nos mostrar que poderíamos contar com eles, pois estariam à nossa disposição para o que nós, seminaristas e padres, precisássemos.

Durante a homilia, Padre Rodrigo salientou o que é ser missionário, para que serve a missão e lembrou também, a todo momento, que a paróquia estava aberta para todos. Isso fez com que pudéssemos ir ao encontro daqueles que nos esperavam com a certeza de que Jesus estava conosco.

Patrick

Experiência missionária em Manaus

Dentro da etapa “Propedêutico”, nós, seminaristas da Arquidiocese de Ribeirão Preto, vivemos, durante o mês de setembro, uma intensa experiência missionária na Arquidiocese de Manaus. A missão acontece na Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, localizada no bairro Betânia, zona Sul da capital amazonense, e tem proporcionado momentos únicos de convivência, espiritualidade e aprendizado cultural.

A iniciativa faz parte da nossa formação missionária, que celebra os 20 anos da Ação Missionária Ribeirão Preto-Manaus. Como já é costume das missões, fomos acolhidos nas casas dos paroquianos, partilhando a realidade e o cotidiano das famílias.

Durante as atividades, tivemos a chance de participar de visitas às comunidades, aos enfermos, celebrações, formações, encontros de oração e atividades com os jovens e adultos da paróquia.

Além disso, mergulhamos na cultura local, conhecendo a culinária típica, o modo de vida acolhedor e a forte espiritualidade presente no povo da Amazônia.

Com toda certeza, retornamos a Ribeirão Preto trazendo não apenas recordações, mas também a riqueza de uma experiência que marcará profundamente nosso caminho vocacional. A missão reforça os laços entre as Igrejas locais e sublinha o chamado do saudoso Papa Francisco para uma *Igreja em Saída*.

Lucas

Açaí, o fruto que chora

Chegando a Manaus, o primeiro sabor que pude provar foi o do famoso açaí, originário da Amazônia, também conhecido como “fruto que chora”, por causa do líquido que escorre da sua parte carnuda.

O açaí manauense é uma delícia. Tem um pouco do gosto do de São Paulo, mas a diferença está na consistência. Em Manaus, ele é mais líquido. Podemos degustá-lo como se fosse uma bebida, diferente do paulista que é mais parecido com um sorvete, embora também haja em Manaus o açaí *frozen*, quer dizer, congelado.

Esse fruto já matou a fome de muitos indígenas e ribeirinhos. Hoje é bastante comercializado; ganhou fama no Brasil e em países estrangeiros como um alimento saudável que traz uma série de benefícios para quem o consome, como a imunidade, a energia. Aqui em Manaus pude tomar o açaí com farinha de tapioca, que é algo bem encorpado. Se não tomar cuidado, pode até danificar os dentes.



Patrick e dona Ester, pessoa que acolheu o seminarista em sua casa, apreciando um apetitoso açaí

A fé que move

Vivemos a Quarta Revolução Industrial, caracterizada pelas tecnologias avançadas, pela I.A., conectados e atentos ao mundo cujos ingredientes rapidamente se esvaem. Movemo-nos de acordo com as tendências do momento e perdemos a verdadeira capacidade de pensar.

Nessa velocidade da vida, diante dos desafios e das tribulações, a fé, muitas vezes, esvai-se, desmorona. Porém, pode-se observar a crença daqueles que, em meio a dificuldades, doenças e sofrimentos, mostram-nos a esperança. Foi esse deslumbramento que experimentamos como missionários, ao visitar os enfermos nas casas nos arredores da paróquia de Manaus, Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos no bairro da Betânia. Gratidão é o que define cada enfermo que é atendido nas missões. O carinho de cada um com os seminaristas e o cuidado que possuem transformam a missão de evangelização. Podem não andar, não falar, não olhar, mas acreditam em um Deus que um dia os receberá na vida eterna. Essa é a Fé que, mesmo na dor, manifesta-se em cada visita.

Vinícius





O belo desafiador

Escrevo este artigo, enquanto estamos há mais de uma hora em uma canoa, na travessia da comunidade Sant'Ana à São Sebastião. A missão é desafiadora; há dificuldades, sofrimentos, angústias... mas tudo isso é sanado pela Graça de Deus que, em Sua infinita misericórdia e bondade, ainda nos chama como servos que somos, para propagar Sua palavra e Seu amor. A missão é bela, mas desafiante. Diante de tantas dificuldades, como as horas na canoa, o sabor da água, o intenso calor, os diversos animais selvagens, nosso olhar se volta para o amor que define nossa experiência. Ele se derrama do olhar das pessoas sobre nós e qualifica nossa missão, pois, para cada dificuldade que encontramos, somos consolados pelo Amor divino.

Amor esse que, mesmo imerecedores da Graça, faz-nos abençoados. Portanto, os obstáculos são incontáveis, mas a gratidão estampada, em cada rosto presente aqui, torna esta experiência grandiosa.

Vinícius





Marcas da resistência

Na ponta da canoa, Inaíra, filha do cacique, levando padres e seminaristas até sua aldeia

“A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência.” Foi assim que o português, Pedro Vaz de Caminha, descreveu sua primeira impressão de um povo que carregava consigo anos de tradição, história e religiosidade. A narrativa contada sobre o descobrimento do Brasil é um poço de controvérsias e discussões, contudo o que é indiscutível e inegociável como veracidade histórica foi o sofrimento do povo nativo em relação aos colonizadores.

Tambaqui e frango assando para o almoço na Aldeia do Branquinho



Santa Missa presidida pelo pe. Marcus Vinícius e concelebrada pelo pe. Rodrigo, coordenador da pastoral indigenista



As marcas deixadas na história perduraram até os dias atuais. No dia em que o país comemorou sua liberdade, sua independência, no 7 de setembro, fomos visitar a Aldeia do Branquinho, acompanhada pela pastoral indigenista, e lá tivemos a oportunidade de admirar a resistência desse povo que preza por sua ancestralidade: “Esta terra em que vocês estão pisando foi onde nasci, e daqui nunca mais quero sair”, afirmou Inaíra, filha do Cacique.

Retornando à visão da colônia, achamo-nos donos de nossa religião, portadores únicos de Cristo, aqueles que evangelizarão o povo nativo. Assim poderia ser nosso preconceito com esses povos, mas encontramos um Deus vivo e Verdadeiro no meio deles. Na homilia da Missa de envio, ainda em Brodowski, padre Marcus, reitor do seminário, disse a nós, seminaristas: “Achamos que levaremos Deus a eles, mas Deus está ali há muito tempo.” Comemos de suas comidas: peixe, arroz, frango e farofa de banana; partilhamos conversas e houve muito aprendizado. Retornamos a Manaus, após o almoço, e os deixamos revigorados de esperança. Em meio às despedidas, ouvi um apelo: “se você chegar a ser padre, em todas as missas que celebrar, não se esqueça de rezar pelo meu povo”.

Cauã



Acolhidos pelo Amor

No texto a seguir, falaremos sobre uma qualidade do povo amazonense, o dom de acolher e receber o outro. No dia 2 de setembro, terça-feira, os seminaristas e o padre Marcus Vinícius foram acolhidos na Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos aflitos, no bairro da Betânia, com uma Santa Missa presidida pelo pároco padre Rodrigo Barcelos. No fim da celebração, os missionários receberam uma linda lembrança de acolhida, com bombons de sabores de frutos típicos da região, entre eles cupuaçu, açaí e castanha do Amazonas.

Durante as duas primeiras semanas em que os seminaristas hospedaram-se na capital amazonense, foram recebidos nos lares de paroquianos. Cauã e Marcus Vinícius instalaram-se na residência do senhor José e da dona Fátima, Lucas, na casa da dona Maria Cenira e sua filha Gabriela; Patrick, na moradia da Dona Estelita, e Daniel, na casa da dona Elomar. Durante esse período, foram tratados com muito zelo e amor e sentiram-se em casa. Tiveram a oportunidade de experimentar diversos pratos típicos servidos pelas famílias e participaram das rotinas familiares.

Nas últimas semanas, eles realizaram uma experiência missionária, no município Careiro da Várzea, área missionária no interior do Amazonas, e visitaram cinco áreas da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. São elas: Cumã, Miriti, Curari, Matriz e Parauá. Nesses lugares, eles participaram das atividades religiosas e foram recebidos nas casas de coordenadores e participantes das comunidades.

Em cada hospedagem, foram acolhidos com muito amor, carinho, alegria, ternura, diversidade e riqueza de cada local, evidenciando o seguimento do povo amazonense em relação às palavras de Jesus no Evangelho de São Mateus: “Aquele que recebe um justo, na qualidade de justo, receberá uma recompensa de justo. Todo aquele que der ainda que seja somente um copo de água fresca a um destes pequeninos, porque é meu discípulo, em verdade eu vos digo: não perderá sua recompensa.”

Catedral de Manaus: a fé no coração da cidade

No centro de Manaus, de frente para o rio Negro, ergue-se a Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade. Construída no século XIX, a igreja é um dos principais símbolos da fé do povo amazonense e um ponto de encontro para os que vivem na capital e para os que a visitam.

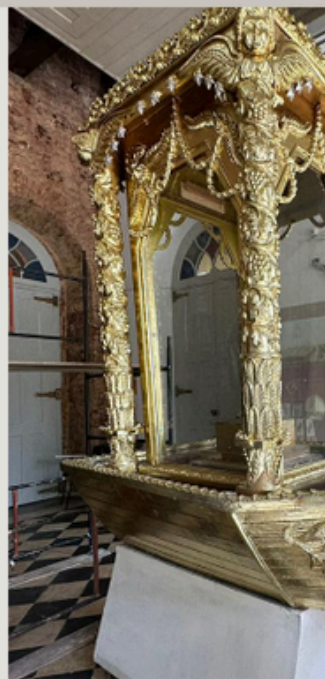
A catedral foi construída em estilo neoclássico, com linhas sóbrias, fachada imponente e duas torres que se destacam na paisagem. Seu interior abriga imagens e vitrais que refletem a religiosidade amazônica e a devoção à padroeira, Nossa Senhora da Conceição, celebrada todo dia 8 de dezembro.

O rio Negro sempre foi o plano de fundo da história da catedral. Sua localização privilegiada, de frente para o rio, faz da igreja não apenas um ponto religioso, mas também um marco de chegada para viajantes e comerciantes que atracavam em Manaus.

Durante o auge do ciclo da borracha, no fim do século XIX e início do XX, o rio era a principal via de entrada de riquezas, pessoas e ideias, e a catedral se tornou um símbolo de fé em meio à prosperidade e às transformações sociais.

Mais do que um patrimônio arquitetônico, a Catedral Metropolitana é o coração espiritual da arquidiocese. Ela testemunha a história da cidade, desde os tempos coloniais, dialogando com o rio que sustenta a vida do povo amazônico.

Lucas



Andor folheado a ouro, usado no dia da padroeira, para transportar a imagem de Nossa Senhora da Conceição por toda a cidade



Pe. Marcus Vinicius e seminaristas na frente da Catedral Metropolitana de Manaus

Encontro de seminaristas fortalece laços entre Ribeirão Preto e Manaus

Nos dias 3 e 9 de setembro de 2025, jovens seminaristas da Arquidiocese de Ribeirão Preto realizaram visitas fraternas aos seminaristas de Manaus, em dois momentos de partilha e comunhão. No primeiro encontro, no Seminário Propedêutico Pe. Luiz Gonzaga de Sousa, os visitantes puderam conhecer a etapa inicial da formação, marcada pela simplicidade e pelo acolhimento caloroso dos que dão seus primeiros passos na vida vocacional. Já no dia 9, no Seminário Arquidiocesano São José, o contato com os seminaristas das etapas posteriores revelou a riqueza de experiências pastorais e acadêmicas que compõem a caminhada rumo ao sacerdócio. Embora cada seminário possua características próprias, seja na organização da rotina, nas dimensões formativas ou no contexto cultural em que está inserido, os relatos destacaram aquilo que realmente une todos os seminaristas: a mesma fé em Cristo, o mesmo chamado a servir a Igreja e a alegria de viver a fraternidade. As visitas não apenas aproximaram realidades distantes geograficamente, mas também reforçaram que, apesar das diferenças, a missão é única: testemunhar o Evangelho e colocar a vida a serviço do povo de Deus.

Lucas



Pe. Marcus Vinícius e seminaristas na capela do Seminário Propedêutico de Manaus, junto com os padres do seminário e seus seminaristas



Pe. Marcus Vinícius e seminaristas na capela central do Seminário Arquidiocesano de Manaus



Teatro Amazonas: um símbolo amazonense

Durante a missão em Manaus, os seminaristas do propedêutico tiveram a oportunidade de conhecer um dos cartões-postais mais famosos da cidade: o Teatro Amazonas. Localizado no coração do Centro Histórico, o prédio impressiona pela arquitetura imponente e pela cúpula colorida, que lembra o encontro de culturas no meio da floresta.

Construído no auge do ciclo da borracha, no fim do século XIX, o teatro foi sonhado para colocar Manaus no cenário mundial. Mármore da Itália, vidros da França e ferro da Inglaterra se misturam ao talento dos artistas brasileiros, fazendo do espaço um verdadeiro tesouro cultural.

Lucas



Porto do Roadway

Nome histórico cunhado pelos ingleses para o cais flutuante de Manaus

O Porto do Roadway, oficialmente chamado de Porto de Manaus, é um dos símbolos mais importantes da capital amazonense. Localizado às margens do rio Negro, no centro da cidade, ele não é apenas um espaço de embarque e desembarque, mas também um ponto histórico que guarda a memória do ciclo da borracha e da vocação fluvial da Amazônia.

Inaugurado em 1907, no auge da economia da borracha, o porto foi projetado por engenheiros ingleses e construído por uma empresa norte-americana. Sua estrutura metálica, trazida da Inglaterra, foi montada em Manaus como uma verdadeira obra de engenharia moderna para a época. A grande novidade estava no seu píer flutuante, uma estrutura projetada para flutuar na água, permitindo o acesso seguro a embarcações, além de servir para atracagem e ancoragem de barcos e como suporte para atividades náuticas, que acompanhava a variação das águas do rio Negro, fenômeno que pode chegar a mais de 14 metros entre a cheia e a vazante.



Esse sistema inovador permitiu que o porto funcionasse durante todo o ano, independentemente do nível do rio, o que garantiu o escoamento da borracha e de outros produtos amazônicos para o mercado internacional. Hoje, o Roadway representa um dos pontos mais movimentados de Manaus. É dali que partem barcos para diversas cidades do interior do Amazonas, transportando pessoas, alimentos, produtos industriais e sonhos. Além disso, o espaço é considerado patrimônio histórico e turístico, atraindo visitantes que querem conhecer de perto essa obra centenária, unindo engenharia, história e o modo de viver amazônico.

Lucas

Praia da Ponta Negra, um colírio para os olhos

Principal cartão-postal de Manaus, a Praia da Ponta Negra reúne lazer, cultura e natureza às margens do rio Negro. Na vazante, a areia aparece e convida ao banho, enquanto o calçadão oferece espaços de esporte — como vôlei de praia, futevôlei — bares, com as comidas típicas da região, e diferentes eventos culturais. O pôr do sol é atração à parte, encantando moradores e visitantes todos os dias.

Lucas



O ciclo das chuvas e da seca na Amazônia está rompido

O período de serviço na Amazônia ensina que a fé e o cuidado com o próximo estão intrinsecamente ligados ao cuidado com a Criação. A mensagem de esperança só é completa quando se manifesta na ação concreta de defender a vida e a subsistência de um povo que sofre os efeitos diretos de um clima em colapso.

Passar um mês em missão no Amazonas e em Manaus, levando o Evangelho e a bênção, é vivenciar a fé confrontada pela dura realidade da crise climática.

A Amazônia, essência vital do planeta, revela hoje um cenário de extremos que impacta diretamente a vida das pessoas. O que encontramos não é apenas uma beleza natural, mas um sistema de vida sob imensa pressão: o ciclo das cheias e da seca está rompido.

Nos últimos anos, Manaus e as comunidades ribeirinhas enfrentaram secas históricas. Em 2024, por exemplo, o nível das águas chegou a 12,66 metros, o que não se via há 122 anos.

De perto conseguimos perceber a troca de temperaturas e a inversão dos tempos. Desse modo, na fase em que se deveria estar na seca, estávamos com água; em tempos em que não deveriam ocorrer chuvas, vimos tempestades. O mundo precisa de ajuda, e essa ajuda se inicia em nós.



Vinícius



Chegada à comunidade ribeirinha

No centro da foto, padre Marcus e os seminaristas, ladeados pelos membros da comunidade

No dia 13 de Setembro de 2025, partimos para a segunda etapa da nossa missão, em que fomos ao Careiro da Várzea, ou seja, para as comunidades ribeirinhas.

Chegamos à comunidade, que tem como padroeira Sant'ana, por volta das 10h30 e fomos recebidos pela coordenadora da área do Cumã, Luciana. Ela nos encaminhou ao local da Santa Missa, onde pudemos celebrá-la com toda a comunidade que ali estava a nos esperar.

Foi um momento maravilhoso em que, além de celebrarmos a Liturgia, adentramos suas realidades.

Patrick

A Amazônia é um laboratório para as missões

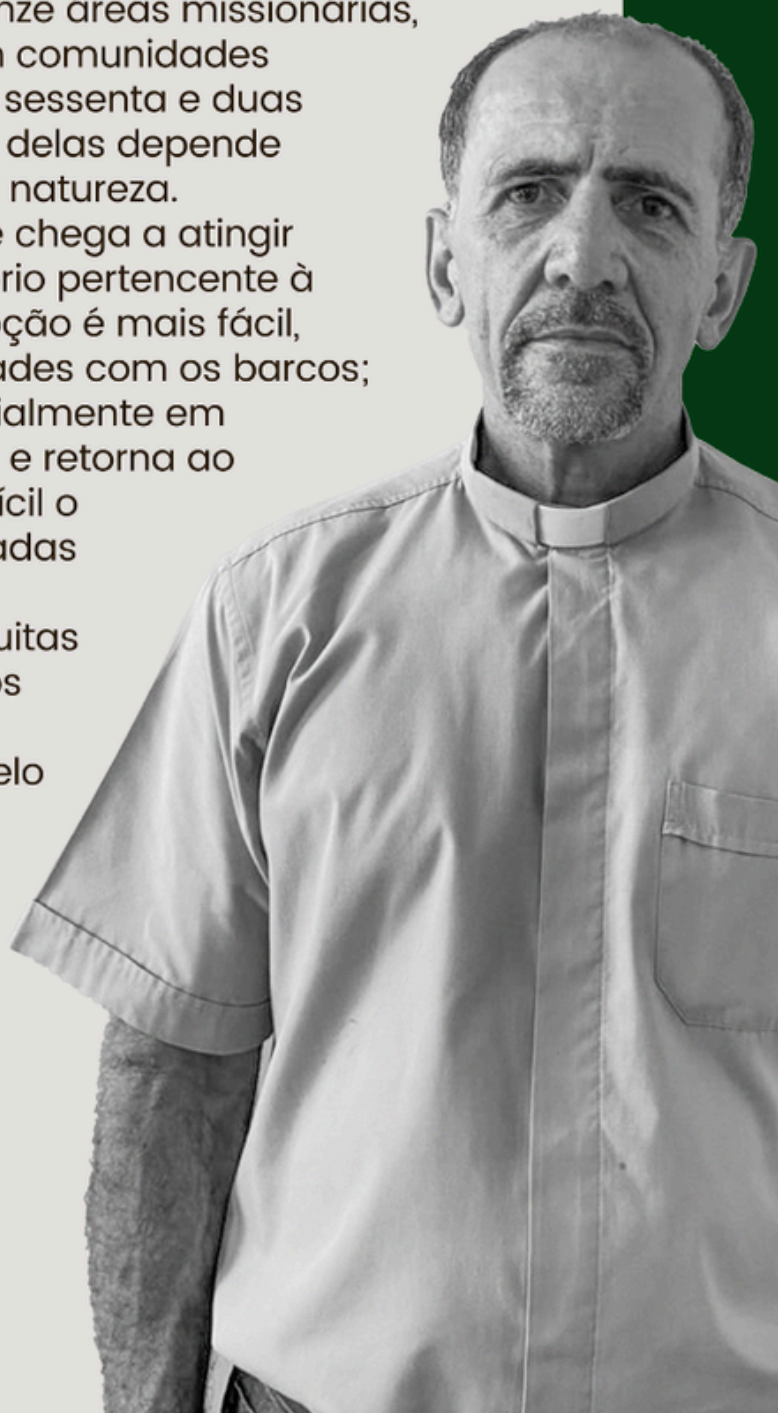
O município Careiro da Várzea, de acordo com o censo realizado em 2022, possui cerca de 21.000 habitantes, sendo que somente 1.177 desses vivem na sede do município; o restante mora nos arredores. Na sede se encontra a comunidade matriz, a paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

A paróquia, na ânsia de alcançar todos os fiéis e cumprir com o pedido de Jesus, traduzido nas palavras: “Ide por todo mundo e anuncie o Evangelho a toda Criatura” (Marcos 16:15), organiza-se em quinze áreas missionárias, e cada uma delas subdivide-se em comunidades menores, alcançando o número de sessenta e duas ativas. A locomoção até cada uma delas depende exclusivamente da colaboração da natureza.

De dezembro a junho, o rio enche e chega a atingir altos níveis invadindo 95% do território pertencente à paróquia. Nesse contexto, a locomoção é mais fácil, pois é possível chegar às comunidades com os barcos; porém, de julho a novembro, especialmente em setembro e outubro, o rio se esgota e retorna ao seu leito mais escasso tornando difícil o acesso a comunidades mais afastadas devido à ausência de estradas.

Mediante essa impossibilidade, muitas comunidades ficam alguns períodos sem a visita do sacerdote.

Atualmente, o padre responsável pelo Careiro, pároco da paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, é o pe. Aparecido Donizeti Maciel, que está exercendo seu ministério nesse contexto há oito anos.



Questionei-o a respeito dessa realidade que se apresenta em sua vida pastoral e, com toda a disponibilidade, auxiliou-me a compreender o que se apresenta nessa significativa parte de nossa Igreja no Brasil. Acompanhe!

Cauã

Voz da Missão – *Em razão das dificuldades enfrentadas pelas comunidades ribeirinhas – como as cheias e secas do rio e os desafios de locomoção –, muitas vezes não é possível celebrar com frequência a Eucaristia. Nesse contexto, qual é a principal motivação ou incentivo que leva essas comunidades a permanecerem firmes e ativas na fé e na vida pastoral?*

Padre Maciel – A motivação primeira, e antes de tudo, está em torno da Palavra de Deus. E é a Palavra que vai formando as nossas lideranças. Portanto, aquilo que a gente estuda no documento 100 da Igreja – redigido e publicado pela CNBB intitulado de "Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia" –, sobre o protagonismo do leigo, aqui existe um protagonismo natural. Natural, necessário e exigente. Desse modo, as nossas comunidades, quando são inacessíveis por conta da natureza, mantêm-se unidas ao redor da Palavra, ou seja, quando a comunidade não pode ser alimentada por Jesus Eucaristia, ela se alimenta de Jesus Palavra. Então, a Palavra de Deus, o Evangelho, na vida de nossas comunidades, tem um valor substancial.

São as pessoas dedicadas que fazem com que a Palavra seja celebrada. Portanto, às vezes, temos comunidades que, por conta da seca, não dá para a gente ir, sendo possível a visita três vezes por ano, ou até menos. E quando eu vou, quando a gente chega nessas comunidades, elas estão celebrando, elas estão vivas. Já existe ali a preparação para o sacramento, tanto de batismo quanto a primeira Eucaristia.

A motivação para isso é a Palavra de Deus e, na missão, na vida missionária, a gente redescobre a força da Palavra na vida das nossas comunidades. Vale lembrar aquilo que nos fala o Evangelho de São João: E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós (João 1, 14). Realmente, nas vidas de nossas comunidades, a Palavra, o Verbo, se faz vida, se faz carne entre nós e, ali, nessas comunidades, Ele armou o seu acampamento, sua tenda.

Voz da Missão – *O documento de Aparecida – texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada no Santuário Nacional de Aparecida em 2007 – evidencia que o leigo não é apenas um colaborador secundário, mas o agente ativo da missão. Na prática pastoral, como o relacionamento entre padre e comunidade pode ser realizado de maneira frutuosa?*

Padre Maciel – O protagonismo dos leigos aqui, como já constatado, é algo extraordinário. Porém, a gente tem trabalhado, e eles sabem, eles têm essa consciência de que, dentro desse protagonismo, eles exercem o *munus*, a saber, o dever, a obrigação, a função, que é próprio deles, que é próprio do leigo. Não fazendo classificação hierárquica, mas falando daquilo que é *munus* da missão. E com isso eles redescobrem a importância do leigo cristão na evangelização, isto é, a partir da exigência das comunidades, eles descobrem que são realizadores, que é através deles que a Palavra de Deus age. A relação com essas lideranças é das mais saudáveis possíveis, no sentido de elas compreenderem bem aquilo que é dever e até onde elas podem ir. As comunidades sabem esperar o momento do padre chegar. Isso é impressionante! No período em que o padre não está, eles trabalham, fazem formações, preparam-se, porém sabem quando o padre está presente e, nesse momento, a comunidade adquire um clima festivo, litúrgico. Posso dizer que não só celebram, mas festejam a Eucaristia. Eles sabem o porquê do padre não estar presente em todos os domingos, sabem o porquê de não estar todo mês e aí eles redescobrem naturalmente a missão, a vocação deles na comunidade.

E aqui eles exercem a tríplice missão: Sacerdote, Profeta e Rei. Eles não reclamam da ausência do padre, mas eles solicitam sempre a sua presença. Qual a diferença? Reclamar, às vezes, é porque o padre não vem. Agora, eles sabem que o padre não está ali por questão de contexto, por questão pastoral também. Portanto, é uma festa quando a gente chega nas comunidades para celebrar os sacramentos. E não somente celebrar o sacramento. Precisamos sair um pouco dessa questão sacramentalista. Estamos lá para dar formação, atendimento, visitas, porém procuramos, antes de tudo, a Eucaristia.

Voz da Missão – *A Igreja na Amazônia se apresenta com uma identidade muito própria. O que o senhor acha que o mundo, como Igreja universal, pode aprender com a Igreja local do Amazonas?*

Padre Maciel – Cada contexto, cada realidade tem sua importância, quer dizer, nenhuma missão é mais, nenhuma missão é menos, nenhum lugar é mais, nenhum lugar é menos missionário, porém movido por essa paixão missionária eu costumo dizer para mim mesmo e, quando tenho oportunidade, para outras pessoas, que a missão no Amazonas é a missão na sua essência, literalmente na sua raiz.

A Amazônia é um laboratório para a missão Ad Gentes para a missão no mundo. Eu diria que todos os desafios que você encontra nos lugares, aqui você encontra esses desafios todos numa única realidade amazônica. Portanto, seja não só por questão pastoral, mas também por questão de logística, não somente por compreensão teológica da missão, mas o contexto geral da Amazônia, as necessidades, as urgências, os desafios, eles nos preparam para estarmos abertos a todo tipo de realidade de missão. O Amazonas nos educa na missão, e aí nós vamos descobrindo outra coisa muito interessante, muito forte e isso é uma experiência até pessoal. A gente vem para cá para fazer missão, para entrar na missão; depois de algum tempo, a gente percebe que não vem fazer missão, não vem para a missão, a missão vai entrando em nós, a missão vai nos educando, a missão vai nos orientando, a missão vai nos despindo, a missão vai nos formando. Se a gente não permitir que ela entre em nós, a gente vem apenas fazer um momento de uma experiência, e não vem fazer missão. Então, é um pouco isso que eu posso compartilhar com vocês.



A luta pelos nossos direitos

A aldeia do Branquinho é uma comunidade indígena, situada na zona rural de Manaus, na região do Tarumã Sul, na Amazônia. Entrevistei Inaíra, filha do cacique, professora, jovem liderança da comunidade, que representa a resistência contra a invisibilidade e a manutenção das tradições indigenistas.

Voz da missão- *Entre os desafios apresentados pela resistência do povo indígena, qual, atualmente, é mais desafiador?*

Inaíra- O maior desafio é o reconhecimento, porque muitas das vezes, pessoas sem o conhecimento do real valor de nós, povos indígenas, acabam nos prejudicando. Atualmente, com mais aprendizado, com mais sabedoria, com o nosso posicionamento em questão a isso, esse ponto é o mais desafiador. Mas nós, povos indígenas, temos a fase de construção da continuação de novas gerações, para que isso venha sendo repassado de geração a geração, com as lideranças, e isso é um desafio que a gente ainda vem enfrentando. Somos resistência, somos luta, e estamos aí caminhando, mesmo com o desafio da invisibilidade que hoje enfrentamos, mostramos quem realmente somos.

Voz da missão- *Entre todos os ensinamentos que você já adquiriu, na vida em comunidade, qual foi o mais valioso?*

Inaíra- Hoje, como uma jovem liderança dentro da comunidade, o que eu aprendo e venho aprendendo, no decorrer dessa minha vida, é que o ensinamento deve ser repassado de geração em geração, os nossos anciões, contação de história, nossa cultura. E isso é o que me deixa em pé, e isso é o que mais vale para mim: a nossa cultura, a nossa tradição, a nossa língua, os anciões presentes, plantando, a oralidade. Toda uma questão bem delicada e valiosa para mim, principalmente que estou à frente disso, que posso dar continuidade a essa riqueza que nós somos, esse valor é muito importante para nós. Isso é o que me deixa em pé.

Voz da missão- *Qual o seu maior sonho para o seu povo?*

Inaíra- O meu maior sonho, talvez esteja ainda muito distante, mas não impossível. O meu maior sonho é estar ali na frente, sabendo os nossos direitos, de como me posicionar, em algumas ocasiões, saber que a gente tem essa autonomia de chegar aonde a gente bem quiser, apesar de um olhar ainda tão preconceituoso contra os povos indígenas, mas, assim, eu sonho e ainda vou continuar tendo esse sonho que pode estar longe, mas eu sei que eu sou a continuidade dessa nova geração e que futuramente a gente possa ser bem reconhecido, a gente possa ser visto e que principalmente a gente possa não somente ser uma língua, não somente uma cultura e sim sermos vários povos. Somos mais de 274 línguas faladas, somos mais de 300 povos diferentes aqui dentro do Branquinho. Mais de 300 povos diferentes!

Voz da missão- *Como é vivida a fé católica no cotidiano da comunidade?*

Inaíra- A Igreja Católica, infelizmente, já prejudicou muito o crescimento e o aprendizado dos povos indígenas, mas hoje eu vejo totalmente diferente. A pastoral indigenista está sendo desenvolvida dentro da comunidade. Isso também é importante porque a Igreja Católica respeita, principalmente, a comunidade aqui do Branquinho, ela respeita muito, e a forma como a gente canta, a forma como a gente dialoga com vocês, conversa, isso é o mais importante, o respeito pela natureza, o nosso respeito, a nossa tradição, a nossa língua e isso deve se manter também em outras comunidades.

O Banho da Coragem

Era noite. Patrick decidiu tomar banho. O calor grudava na pele, o suor pesava, e o banho era desejável. Com a toalha, sabonete e uma coragem meio improvisada, ele abriu a porta do banheiro.

E lá estavam elas: as temidas gias. Espalhadas pelos cantos, teto, mas com aqueles olhos que seguiam cada passo dele. Patrick respirou fundo e murmurou como quem vai para uma missão de guerra:

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...
vamos nessa.

Entrou devagar, evitando olhar muito tempo para qualquer uma delas. Cada barulho da água caindo no chão parecia uma gia se movimentando.

Enquanto ensaboava os braços, sua mente trabalhava em ritmo acelerado: E se uma pular no meu pé? E se... Mesmo assim, o banho aconteceu. Rápido, talvez o mais rápido de sua vida. Sabonete mal dissolvido, mas foi. Ao sair, secando-se depressa, Patrick olhou para trás e percebeu que nenhuma gia se mexeu um centímetro sequer.

Sorriu de alívio e pensou:

— Venci a batalha... mas a guerra continua amanhã.

Patrick



O espanto no meio da noite

Na escuridão da noite, o quarto estava fechado, em silêncio, e os missionários deitados cada um em sua rede. Vinícius olhou para o lado e observou o padre com a sua rede quase no chão. Interrogou-o:

— Padre, a sua rede não está muito baixa?

O reitor respondeu:

— Eu estava reparando também, vou arrumar. A corda deve estar solta.

E assim aconteceu: o padre, com a sua larga experiência no assunto, amarrou a rede, com um nó, e sentou-se nela. No mesmo instante, ouviu-se um estalo! Todos se assustaram. Era o padre batendo o pé no chão amadeirado da casa, dando três passos entrelaçados e rápidos para não cair. A rede tinha se soltado.

O quarto, antes quieto, ficou alvoroçado com as risadas de Vinícius e as perguntas dos outros seminaristas que não entendiam o que havia acontecido.

Mais uma vez, o padre prendeu a rede na corda. Dessa vez, com um nó mais firme. Olhou para os lados, seguro de si, e acomodou-se. Mas de nada adiantou, e ele quase caiu novamente. Após isso, ele soltou uma gargalhada, fazendo com que todos os missionários caíssem na risada junto com ele.

Daniel



Justiça climática para a Amazônia

A Amazônia desempenha um papel essencial na regulação do clima global. No entanto, é justamente quem mais contribui para o equilíbrio ambiental que sofre de forma mais direta as consequências das mudanças climáticas.

Nesse contexto, é importante refletir sobre justiça climática. Segundo estudiosos desse tema, Isabela Franco e Oscar Batista, “embora todos sejam impactados pelas emergências climáticas, esses efeitos são distribuídos de forma desigual, atingindo de maneira desproporcional as populações mais vulneráveis. Esse cenário é marcado por injustiça climática e desigualdade ambiental, com impactos diretos nos direitos humanos.” No que diz respeito à Amazônia, é fundamental reconhecer que os povos da floresta, indígenas, ribeirinhos e tantas outras comunidades feridas pela injustiça social precisam ser ouvidos e protegidos diante dos impactos provocados pelo desmatamento, pelas queimadas e pela exploração desordenada dos recursos naturais.

A verdadeira justiça climática exige respeito às pessoas e à natureza, garantindo que o desenvolvimento aconteça de forma sustentável. Valorizar o conhecimento tradicional, apoiar iniciativas de economia e fortalecer políticas de conservação são passos fundamentais para que a Amazônia continue sendo fonte de vida e esperança para o Brasil e o mundo.

Cuidar da Amazônia, portanto, é um ato de justiça, não apenas com o planeta, mas com todos os amazonenses que, há séculos, são os guardiões desse tesouro tão rico e importante para a humanidade.

Lucas

*Este jornal é uma publicação do seminário
Bom Pastor, sobre a experiência missionária
Ribeirão Preto – Manaus realizada pelos
seminaristas de setembro a outubro de 2025*

Diretor Geral: Pe. Marcus Vinícius de Miranda

Editora Responsável: Teresa Magalhães

Redatores: Dom Moacir Silva, Pe. Marcus
Vinícius de Miranda, Vinícius Malanotti,
Cauã Tonani, Lucas Orteiro, Daniel Miranda,
Patrick Gonçalves

Diagramador: Cauã Tonani Belotti

Revisora: Teresa Magalhães

